



## O RASTRO DA MORTE

Vinte minutos depois, o movimento no posto de controle tinha diminuído ainda mais. Se os forasteiros queriam rezar em Jerusalém, deviam ter chegado mais cedo, porque já passava da hora do culto. No movimento inverso, poucos deixavam a cidade, preferindo ficar em suas casas, perto dos templos sagrados, onde julgavam ser mais seguro. Volta e meia um carro de passeio ou um ônibus paravam na cancela, e a inatividade deixou os soldados entediados. Era o início de um dia frio e lúgubre na Terra Santa.

Dez homens guardavam a rodovia, todos armados, trajando uniformes verdes do exército – dois na guarita, três no jipe, dois no tanque de guerra, e mais três circulando. Um dos ambulantes, aborrecido, se afastou, pôs uma lata vazia de tinta sobre o pau de uma cerca, perto da plantação de oliveiras, e começou a praticar tiro ao alvo. Errou a primeira, e então deitou o pesado capacete de combate no chão, para aprimorar a mira da arma.

Um dos oficiais na guarita, o mais graduado, fez vista grossa ao passatempo, até porque não havia civis por perto ou carros na pista. Mas aí avistou uma motocicleta adiante, e repreendeu o soldado.

— Yitzhak! Pare de brincar com rifle e retome posição! – gritou.

O atirador, chateado por voltar ao trabalho, pôs o fuzil nas costas e regressou à cancela. Nem lembrou de pegar o capacete, deixando o objeto perdido no campo.

Com a visão ainda turva de sono, observou que o condutor do veículo a caminho era um homem enorme, de rosto ameaçador e olhos sinistros. Como se não bastasse, percebeu que a moto não tinha placa, o que o levou a crer que era irregular, ou fora roubada. Fez sinal ao superior, e os soldados ficaram atentos.

Apollyon, o Exterminador, conduzia o transporte. Por um momento fugaz, pensou em passar direto pelos guardas do posto, e nem dar atenção aos seus tiros, mas não estava com pressa. Uma vez encontrado o rastro do Anjo Renegado, podia segui-lo até o fim do mundo, se assim precisasse. Portanto, não teria problemas em achá-lo na Cidade Velha – e ele tinha certeza de que o guerreiro iria para lá.

Desligou calmamente a motocicleta roubada com um giro de guidom, e esperou a abordagem do guarda.

— Preciso ver os seus documentos – anunciou o vigilante, sem formalidades, já com o dedo tremendo no gatilho – Senão não poderá prosseguir.

— Não poderei? – caçoou o demônio – E quem vai me impedir?

O soldado, imaginando ter um terrorista à frente, arregalou os olhos e recuou três passos. Ele sabia que alguns guerrilheiros usavam bombas presas ao corpo. Os outros militares estavam alertas, de armas em punho. Se o motoqueiro tentasse qualquer coisa, seria alvejado.

Apollyon equilibrou a moto no apoio, e desceu da garupa. Alarmado diante de tão temível figura, o jovem levantou o rifle automático, e o apontou na direção do inimigo.

— Pare! Fique quieto aí. Nem pense em se mexer – ameaçou.

O infernal gostava quando os seres humanos sucumbiam ao pânico. Ver a sua inútil reação ao terror era uma coisa que lhe dava prazer. Quanto mais indefesa a vítima, melhor.

— Eu já voava sobre estas terras quando você nem era projeto de sêmen – rosnou o Malikis, cerrando os punhos – Sozinho, eu devastei Sodoma e Gomorra. Promovi calamidades, fometei chacinas, atirei crianças em poços. Nasci com a Criação, há milhares de anos, e por inúmeras vezes praguejei contra o trono de Deus. Portanto, acho que não lhe devo obediência.

O soldado, descontrolado, levantou o cano e ia atirar, mas Apollyon foi mais rápido. Esticou a mão e o rapaz foi misticamente atraído para si, como metal para o ímã. Com os dedos possantes o duque apertou sua garganta, estrangulando-o antes que pudesse gritar. Depois, o assassino lançou o corpo inerte em direção à guarita, e o cadáver quebrou os vidros do posto, estatelando-se no chão com o sangue a jorrar do pescoço.

Perplexos à audaz violência, os outros militares demoraram a reagir, mas quando o fizeram não deixaram barato, e puseram-se a atirar com todo fervor. Evasivo, o demônio correu para frente e pulou através da janela quebrada, invadindo a guarita, um lugar apertado, impróprio para o disparo de fuzis. Ao ver que o caçador avançava, os soldados cessaram os tiros, para não ferir os dois oficiais dentro do posto. Pensaram que esses, armados, dariam conta do feroz “guerrilheiro”.

O Exterminador irrompeu a janela e saltou como um gato selvagem sobre um artilheiro de guarda, imobilizando-no no solo. O segundo tentou sacar a pistola, mas um golpe rápido e fatal esmagou o seu crânio. Em seguida, Apollyon voltou-se ao homem aos seus pés. Com as duas mãos, apertou sua cabeça humana e a arrancou de seu corpo, com o sujeito ainda vivo a berrar.

Dois recrutas, aqueles que circulavam a pé, horrorizados e tomados pelo choque, debandaram, cruzando a cerca e correndo para as colinas. Restavam agora, calculou o demônio, três oficiais no jipe e mais dois dentro do tanque.

Ao reparar que os seus colegas no posto de controle já estavam perdidos, um dos militares, à distância, tomou a metralhadora de grosso calibre, que ficava apoiada à

parte traseira do automóvel, e abriu fogo. Os outros dois, no assento do motorista e do carona, pularam para trás buscando cobertura, e quando se acharam seguros fizeram disparos na direção da guarita, com as suas armas de mão. Enquanto isso, os oficiais do tanque esperavam, preparados, para usar armamento pesado.

A fumaça das balas obscureceu a visão dos vigias, e o cheiro de pólvora irritou os seus olhos. Estavam certos que, daquela vez, e a muito custo, haviam liquidado o terrorista, mas não enxergavam seu corpo. Baixaram os rifles e então, quando tudo parecia tranqüilo, o Exterminador, ileso, saiu pela janela do posto, e com um pulo descomunal arremeteu sobre os homens do jipe.

Um chute veloz, quase invisível, arremessou para longe o artilheiro, e inutilizou a metralhadora apoiada. Os condutores do tanque, refugiados no interior da cabine, decidiram atacar, mesmo pondo em risco a vida dos seus companheiros – estavam igualmente amedrontados. Foi assim que uma rajada de balas finalmente atingiu o abominável homicida, enquanto um projétil perdido resvalava na cabeça de um dos soldados em combate. Os dois tombaram, supostamente mortos, ou pelo menos assim pensavam os atiradores humanos. Nenhum homem normal resistiria a cem tiros no corpo.

O único sobrevivente de três, ainda atônito, largou o fuzil. As pernas tremiam diante da barbárie de sangue e corpos, e o coração batia nervoso. A escotilha do tanque se abriu como uma porta à salvação, e um dos dois condutores pôs a cabeça para fora.

— Você está bem? – perguntou em hebraico.

O soldado não respondeu – uma reação ao pavor. Preferiu, ao invés, correr em busca de abrigo dentro do veículo blindado. Mas antes disso, um dos corpos tombados o agarrou pela bota – era o do terrorista. Não estava morto, afinal. Nem sequer se ferira!

— Não! – berrou o soldado, chocado – Largue-me!

Ao ver tão grotesca aparição, que desafiava os limites humanos, os homens do tanque, prevendo nova carnificina, não pensaram duas vezes em trancar a escotilha, sem esperar pelo colega. Já estava condenado, sabiam.

Apollyon ergueu-se do chão. Com a roupa marcada por buracos de bala, levantou o vigilante pelo pé, de cabeça para baixo. O infeliz berrava e se debatia.

— Vocês são tão frágeis e patéticos quanto toscas esculturas de barro – comentou o assassino – Não passam de animais despelados.

— Solte-me! – implorava – Por Deus, me solte. Eu me rendo.

— Deus? – perguntou o demônio, virando-o de cabeça para cima, e agarrando seu rosto com a mão gigantesca – Grite o quanto quiser. Ele não vai escutá-lo.

E com isso, o caçador empurrou sua presa contra a carcaça metálica do blindado. Pressionou a face em contato com o ferro, até a caveira estourar. O cérebro do homem vazou pelos olhos.

Os condutores do tanque, sem moral para lutar, agora só pensavam em fugir. Acionaram a marcha ré, e manobraram o veículo para fora da estrada. Mas o infernal estava determinado a matá-los.

Com sangue nas mãos, o Malikis escalou o transporte, chegando à escotilha no topo. Era forte como doze homens, mas talvez não tão forte para trespassar a blindagem. Para tal, o demônio guerreiro confiava em uma técnica marcial semelhante à Ira de Deus, herdada de seus tempos como general celeste.

Concentrando a energia de sua aura nos punhos fechados, ele desferiu um soco aterrador, que abriu um buraco na parede do tanque, deixando os condutores à sua mercê.

Pasmos, os homens estacaram ao observar o assassino dobrar o metal. Eram incapazes de detê-lo, incapazes de pará-lo. E assim morreram, sem poder reagir. Essas eram as principais vítimas de Apollyon – indefesas, inermes contra seus poderes terríveis.

Apollyon era um Malikis, e os Malikis não têm honra. A justiça não os persegue, apenas a morte.

O rastro da morte.